

1 A TRANSITORIEDADE DA VIDA E O SENTIDO DA MORTE A LUZ DA LOGOTERAPIA E DA ANÁLISE EXISTENCIAL FRANKLIANA.

THE TRANSIENSE OF LIFE AND THE MEANING OF DEATH IN THE LIGHT LOGOTHERAPY AND FRANKLIAN EXISTENTIAL ANALYSIS

Madalene Menezes Vertelo ¹

Jefferson Silva²

RESUMO: O estudo objetivou ampliar o conhecimento da importância da transitoriedade e do sentido da morte à luz da Logoterapia e da Análise Existencial. Metodologicamente, empreendeu-se a revisão bibliográfica da obra de Viktor Frankl, considerando 4 etapas: Planejamento das palavras-chave – transitoriedade da vida, finitude, morte e sentido da vida; consulta bibliográfica, leitura e transcrição e a redação. Concluiu-se que, se por um lado falar sobre a morte assusta, por outro, despertar a consciência da finitude é de grande valor à vida. A Análise da Existencial busca levar o consultante a tomar consciência do ser-responsável por uma vida que só se vive uma vez.

Palavras-chave: Transitoriedade; Finitude; Morte; Sentido da Vida; Logoterapia.

ABSTRACT: The study aimed to expand knowledge of the importance of transience and the meaning of death in the light of Logotherapy and Existential Analysis. Methodologically, a bibliographical review of Viktor Frankl's work was undertaken, considering 4 stages: Planning of keywords – transience of life, finitude, death and meaning of life; bibliographical consultation, reading and transcription and writing. It was concluded that, if on the one hand talking about death is frightening, on the other hand, awakening awareness of finitude is of great value to life. Existential Analysis seeks to make the consultant aware of the person responsible for a life that is only lived once.

Keywords: Transience; Finitude; Death; Sense of life; Logotherapy.

¹ Psicóloga; Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Especialista em Logoterapia e Análise Existencial Frankliana pela Sobral. E-mail: madalene.psicologia@gmail.com

² Jefferson da Silva. Psicólogo e Filósofo. Pós-Doutorando em Psicologia pela PUC – SP, Doutor em Filosofia pela PUC – SP e Especialista em Logoterapia e Análise Existencial com Ênfase em Educação pela Sobral. E-mail: je.filos@hotmail.com

2 INTRODUÇÃO

Na história do homem, o fenômeno da morte apresenta-se como um ponto final, o término de uma vida, o desaparecimento absoluto. Uma opinião comumente disseminada aduz que a única certeza que o ser humano tem na vida é a da própria morte ou que a morte é certa. Para alguns, falar sobre a morte ou o morrer ainda é considerado um assunto inapropriado ou proibido.

Viktor Emil Frankl, criador da “Logoterapia e Análise Existencial”, na obra intitulada “*Asumir lo efímero de la existencia*”, aponta que a vida do homem é um contínuo adeus. A morte, contudo, é só um ponto final desse adeus constante, desse processo, que de algum modo consiste em ir morrendo-se (Frankl, 2022). Traduzindo, literalmente, o termo “Logoterapia” significa terapia através do *logos*, do sentido (Frankl, 2021a, 2021b, 2022).

O autor parte da tese que a condição efêmera ou mortal não priva a vida de seu valor ou seu sentido; sendo, portanto, somente diante da finitude temporal da existência humana que se pode ter algum sentido atuar, amar, viver. A morte é, de algum modo, constitutiva do sentido da vida.

O presente estudo objetivou ampliar o conhecimento da importância da transitoriedade da vida e do sentido da morte e compreender como a pessoa pode experimentar a própria vida a partir de uma consciência da morte, à luz da perspectiva do sentido, fundamentada na Logoterapia e na Análise Existencial Frankliana. Para tanto, como proposta metodológica, empreendeu-se a revisão bibliográfica da obra de Viktor Emil Frankl, considerando 4 etapas: Planejamento das palavras-chave - transitoriedade da vida, finitude, morte e sentido da vida; consulta bibliográfica, leitura e transcrição e, por fim, a redação do artigo.

Sendo a experiência da morte parte integrante e fundamentada na experiência da vida, três questões suportaram as reflexões contidas no presente estudo: O que é a morte? Poderá a morte dar cabo do sentido que caracteriza toda uma vida?, e, por fim, qual a responsabilidade do homem face a transitoriedade e a finitude da vida?

O presente artigo abordará no primeiro momento, a busca pelo sentido da vida e o encontro com a morte – o conceito e os pressupostos da Logoterapia. No momento seguinte, em um olhar para a transitoriedade da vida e para o sentido da morte, lança-se uma visão sobre a possibilidade de realização de sentido, mesmo que confrontado com a morte. De certo modo, percebe-se que a vida em si nunca tem falta de sentido,

podendo este ser captado sob quaisquer circunstâncias. No terceiro momento, discorre-se sobre a responsabilidade humana face ao transitório e a finitude da vida. Por fim, apresenta-se as considerações finais.

Espera-se, contudo, disseminar a Logoterapia e a Análise Existencial, contribuir para desmistificar a morte enquanto acontecimento catastrófico e encorajar um novo olhar sobre o trabalho do cuidado realizado pelos psicólogos e demais profissionais de saúde, para que saibam escutar “a voz que clama em busca de sentido” e valorizar o especificamente humano na prevenção e promoção da saúde.

1 A BUSCA PELO SENTIDO DA VIDA E O ENCONTRO COM A MORTE

A Logoterapia, ou, como tem sido chamada por alguns autores, a “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia”, concentra-se no sentido da existência humana. A “Logoterapia” é conhecida como uma (psico)terapia centrada no sentido. Para a Logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano (Frankl, 2021a).

Entrementes, a Logoterapia ousa ir além da dinâmica psíquica e da análise do comportamento humano, abrangendo em seus estudos e análises, a dimensão dos fenômenos especificamente humanos – a dimensão noética. Pela dimensão noética, compreende-se que a essência da existência radica na capacidade, exclusivamente humana, de autotranscender, para um sentido a cumprir, uma causa servir, uma pessoa para amar ou um sofrimento para suportar com dignidade (Frankl, 2011, 2019, 2021a).

Nesta perspectiva, o ser humano é um ser direcionado para algo ou alguém além de si mesmo. A abertura ao mundo é constitutiva da pessoa, esta transcende a si mesma, tanto em direção a outra pessoa, quanto em busca do sentido. Sendo, portanto, o inverso das psicoterapias tradicionais, em relação as quais “o sentido através da terapia” seria uma formulação mais adequada. Estas, afirmam que o objetivo primário de toda atividade humana é a busca pela homeostase – manutenção do equilíbrio interno – ou pela autorrealização. Não obstante, o consultante tende a ficar perfeitamente equilibrado e funcional, mas falta-lhe o sentido (Frankl, 2021a). “É a própria “busca da felicidade” que impede a felicidade (p.35). Tais teorias motivacionais não constituem fundamentos suficientes para compreender a pessoa, obscurecendo assim a compreensão dos fenômenos especificamente humanos – o

autodistanciamento, a consciência, o amor, o humor, a criatividade (Frankl, 2011, 2019).

Mais especificamente, a visão de homem da Logoterapia se baseia em três pressupostos: Liberdade da vontade, vontade de sentido e sentido da vida. Por liberdade da vontade, entende-se que a pessoa não é livre de suas contingências, mas é livre para escolher a sua atitude diante das circunstâncias, quaisquer que sejam as condições apresentadas a ela. A vontade de sentido é o esforço mais básico da pessoa na direção de encontrar e realizar sentidos e, por fim, o sentido da vida significa que cabe a cada pessoa a responsabilidade de encontrar ou descobrir um sentido em sua vida. O sentido da vida é exclusivo e específico, só pode ser concretizado pela própria pessoa (Frankl, 2011, 2021c).

Ao enfatizar que a pessoa é livre e capaz de escolher uma atitude com respeito a si mesma, a Logoterapia assume que a pessoa é capaz de encontrar e realizar sentido até mesmo numa situação desesperadora e, aparentemente, sem saída. Tal fato, só se revela compreensível mediante uma abordagem que aponta a possibilidade humana de colocar-se diante de seus condicionamentos biológicos e psíquicos ou posicionar-se quanto a situação que se tem por diante, para alterá-la, se preciso for. Cada situação é única e resguarda em si um sentido que é necessariamente único, sendo, contudo, transitório. Há, portanto, uma qualidade “*Kairos*”³, significando que, a menos que pessoa se desperte para concretizar o sentido inerente e latente numa situação, ela passará e desaparecerá para sempre (Frankl, 2021a).

“*Dizer sim à vida*”, aponta Frankl (2021c), pressupõe que a vida, potencialmente, tem sentido em qualquer situação. Apesar da “tríade trágica”, circunscrita pela dor, culpa e morte. E, tendo em vista o potencial humano, a pessoa pode transformar o sofrimento em uma conquista ou em uma realização pessoal, extrair da culpa a oportunidade para mudar a si mesmo para melhor e fazer da transitoriedade da vida um incentivo para realizar ações responsáveis (Frankl, 2021:161). Todavia, entre as coisas que parecem tirar o sentido da vida, a pessoa depara-se com a morte.

³ Na mitologia grega, *kairós* significa momento oportuno, ocasião certa, oportunidade; enquanto *chronos* significa o tempo físico e cronológico, compreendido como anos, meses, dias, horas, minutos e segundos. *Kairós* refere a uma experiência temporal, na qual percebemos o momento oportuno em relação a determinado objeto, processo ou contexto. Revela o momento certo para a coisa certa, a melhor oportunidade, o momento crítico para agir, a ocasião certa e apropriada. Em “*Crónos e Kairos*”, por Paulo Corrêa Arantes, Revista Pandora Brasil - Nº 69 - Dezembro de 2015 - ISSN 2175-3318.

2 UM OLHAR PARA TRANSITORIEDADE DA VIDA E O SENTIDO DA MORTE

Para Frankl (2019), o sentido da existência humana funda-se no seu caráter de unicidade, irrepitibilidade e irreversibilidade. Ao refletir sobre como seria a vida, se não houvesse a morte, o autor argumenta que o homem poderia postergar qualquer coisa e poderia adiar cada uma das suas ações infinitamente. Tudo poderia suceder exatamente igual hoje, amanhã, daqui um mês, um ano, uma década ou mil anos. Nunca teria a menor importância realizar algo agora ou *quicá* um dia.

É ante a morte, ante a pressão da finitude temporal da existência humana, que pode ter sentido atuar (Frankl, 2021c, 2022). E, “não somente atuar, senão também viver, e não somente viver, senão também amar e também qualquer coisa que se nos imponha suportar e sofrer valorosamente” (Frankl, 2022:9).

Ao argumentar que o caráter transitório da vida não prejudica de modo algum o seu sentido, Frankl (2021c), ilustrativamente, compara o fazer-*si* do homem a atividade de um escultor, que com cinzel e martelo faz a pedra ainda informe, pouco a pouco, adquirir uma forma. Como se o homem fosse modelando a si e a realidade com o que o próprio destino o brinda, ora criando, ora experimentando e, quando necessário, suportando o sofrimento.

Ao introduzir o elemento tempo ao conteúdo da metáfora, o autor aponta que o escultor dispõe de um tempo limitado para esculpir, desconhecendo, contudo, o momento exato de acabar e entregar a obra completa. Dessa maneira, ele se vê forçado a aproveitar sabiamente o tempo, considerando o risco de deixar a obra em fragmentos, incompleta. Decerto, ainda que não pudesse terminar, não seria uma obra sem valor (Frankl, 2021).

Entretanto, a transitoriedade e a finitude não são somente uma nota essencial da vida, mas também constitutiva do sentido. Tendo a morte como limite infranqueável do futuro e da concretização das possibilidades, a pessoa encontra-se diante da responsabilidade de empregar o tempo de vida que dispõe e não deixar passar em vão as ocasiões irrepitíveis apresentadas pela vida, ocasiões estas cuja soma <<finita>> representa a própria vida (Frankl, 2018).

Sob essa ótica, revela-se o imperativo da Logoterapia e Análise Existencial: “*Vive como se estivesses vivendo pela segunda vez e como tivesse agido tão erradamente na primeira vez como está por agir agora*” (Frankl, 2021c, p.172). Nota-se, portanto, que a existência humana é ser-responsável. A pessoa vê a si mesmo

diante do compromisso de ser responsável por uma vida que só se vive uma vez. Somente, ela – consultante – “que decide, diante de si, por quem ou por que ele é responsável” (Frankl, 2011, p.177). O autor revela que “o homem está na vida como que submetido a um exame de aptidão: mais que um trabalho terminado, interessa aí que o trabalho seja valioso” (Frankl, 2019, p.147).

Frankl (2021b), no artigo intitulado “*Vivemos provisoriamente? Não: Todos são chamados a isso!*”, traz em discussão os riscos de se experimentar a vida como algo inteiramente provisório. A pessoa que experimenta a própria existência como uma forma de existência provisória não se apercebe das possibilidades que lhe são oferecidas, mas as perde ignorando-as. Ela espera sempre por algo, sem fazer a sua parte para fazê-lo acontecer. Em vez de conscientizar-se de uma responsabilidade, assume uma posição de *laisse aller* ou *laissez faire*, para com as coisas ou com os outros, respectivamente. Deixando de ser um sujeito humano ativo, para ser um objeto das circunstâncias, das condições, da situação histórica do momento. Ora pois, a transitoriedade de vida não pode ser confundida com levar uma vida provisória, adotando uma postura impassível diante da vida. O autor argumenta que dos estadistas depende o que sobrevirá à bomba atômica e, não somente deles, mas de cada << pequeno >> homem, do << homem da rua >> depende o que será da sua vida e da vida das próximas gerações.

A consciência da inaudita responsabilidade, este sentido genuíno de responsabilidade << histórica >> que compreende o futuro da própria vida ou de gerações, de uma obra, de uma comunidade ou de um povo, de um Estado, da humanidade permitirá ao homem de hoje suportar o “como” dos reverses das circunstâncias atuais de vida, a fim de moldá-las, superá-las. Cada pessoa é convocada a uma vida cheia de tarefas e responsabilidades (Frankl, 2021b).

Ademais, a morte, como final do tempo que se vive, assombra somente aqueles que não se apropriaram do seu tempo de vida. Esses não conseguem encarar a morte. Contudo, a pessoa tem responsabilidade em vista da finitude. A finitude humana encontra-se, sobremaneira, na transitoriedade da existência. Confronta-nos, ante tudo, como mortais. Pois bem, não se trata tanto da morte ou do que a pessoa tem diante de si, mas do que ela traz consigo e vem a fazer. Refere-se sobre a responsabilidade face a transitoriedade, aponta Frankl (2019).

Do exposto até aqui, deduz-se que a transitoriedade estimula e desafia a pessoa a fazer o melhor uso possível de cada momento da existência, sendo, portanto,

um incentivo para realizar ações responsáveis, realizar sentidos. A transitoriedade é, na verdade, “o único e grande incentivo a responsabilidade, ao reconhecimento da responsabilidade como traço básico e essencial da existência humana” (FRANKL, 2010, p. 147). Cada pessoa é chamada a uma vida cheia de tarefas e responsabilidades.

3 A RESPONSABILIDADE FACE AO TRANSITÓRIO E A FINITUDE DA EXISTÊNCIA

Como mencionado anteriormente, somente frente a urgência e a pressão da efemeridade da existência é que faz sentido usar o tempo que passa (Frankl, 2018, 2020). Na verdade, a finitude da vida convoca, estimula e desafia a pessoa a agir responsabilmente – “a responder as perguntas que a vida lhe põe e, dessa forma, a preencher os sentidos que a vida lhe oferece” (Frankl, 2021a). Sem dúvida, as potencialidades de realização de sentido são afetadas pela irreversibilidade da existência. O que é transitório são apenas as possibilidades de colocar os valores em prática, contudo, ao realizá-los a pessoa os salvam na realidade – realidade de ser passado (Frankl, 2021a).

O autor argumenta que o passado é a dimensão do ser, quem sabe, a mais segura. É justamente no passado que se encontram os fatos celeiros da existência, a abundância das experiências vividas – “as ações feitas, os amores amados e, não menos importante os sofrimentos enfrentados com coragem e dignidade” (Frankl, 2021:172).

Sendo assim, o que a pessoa faz não pode ser desfeito. E isso incide no que diz respeito a responsabilidade humana, porque, em face da transitoriedade da vida, a pessoa é responsável por fazer uso das oportunidades que lhe aparecem para concretizar as suas potencialidades e realizar valores, sejam estes de criação, de experiência ou de atitude. Em síntese, o homem é responsável pelo que fizer, por quem amar e por como sofrer (Frankl, 2011).

Na morte, tudo se torna imóvel, as oportunidades já não se encontram disponíveis, nada mais está à disposição da pessoa. Nenhum corpo, nenhuma mente. É a perda total do “eu psicofísico”. Somente o “eu” – o eu espiritual – permanece. A pessoa não possui nada, ela agora simplesmente “é”: é precisamente o seu “eu”. Ilustrativamente, quando frente à morte se diz que a pessoa tem diante de si toda a sua vida e a vê passar como um filme projetado em frações de segundos. Poder-se-

ia dizer que face à morte, a própria pessoa tornou-se o filme. Ela é, a partir de então, a sua vida, sua vida vivida; ela é a sua própria história, tanto aquilo que lhe ocorreu, quanto o que ela criou. E, assim, ela também é o seu próprio céu e o seu próprio inferno, o que seja (Frankl, 2021a, 2022).

Na perspectiva de uma Análise Existencial, despertar no consultante a consciência do caráter histórico, temporal e irreversível da vida é primordial para ele possa reconhecer-se como ser-responsável por uma vida que só se vive uma vez. Frankl, ao argumentar sobre o sentido da vida, relata que na tentativa de se responder sobre a questão - sendo esta a mais humana de todas as questões – a pessoa é remetida a si mesmo, como alguém a quem a vida indaga, alguém que a esta deve responder, sendo, portanto, responsável, assim, por sua vida (Frankl, 2019, 2021c).

A finitude da vida – a morte - de forma alguma pode furtrar-lhe o sentido. Na verdade, ela constitui a responsabilidade da pessoa, pois esta encontra-se, constantemente, face a necessidade de escolher diante da massa de potencialidades presentes, quais serão condenadas ao não-ser e quais serão concretizadas, quais opções se tornarão realidade de uma vez para sempre, como “pegadas na areia” (Frankl, 2021c).

Frankl, ilustradamente, utilizou-se da metáfora da ampulheta, o antigo símbolo do tempo, para clarificar a relação << tempo >> e << responsabilidade >>. A parte superior do objeto representaria o futuro – as possibilidades que estão por vir – a estreita abertura por onde transcorre a areia representaria o presente; e a parte inferior refere-se ao passado – a areia que já atravessou a passagem do presente. Ora, o existencialismo coloca luz sobre a passagem estreita do presente, obscurecendo a parte superior e a inferior, o passado e o futuro. A Logoterapia considera que o futuro ainda “não é” na realidade. No passado, tudo está conservado e, portanto, para sempre (Frankl, 2021a). O futuro nos está disponível, dele podemos dispor: moldá-lo e mudar a nós mesmos. É precisamente em relação a conservação “eterna” do existir no passado que criamos tudo no presente. A porta estreita do presente, conduz o nada do futuro para o – eterno – existir no passado, é assim, a fronteira entre o nada e o ser, a fronteira da eternidade. Nas palavras de Frankl:

É verdade, tudo é transitório – tudo e todos, seja um filho que fizemos ou o grande amor do qual esse filho nasceu ou a grande ideia -, tudo é passageiro. A vida do homem dura 70 anos, ou talvez 80 anos, e, se for uma vida boa, terá valido a pena. Um pensamento pode durar sete segundos e, se for um bom pensamento, conterà

verdade. Mas, até o maior dos pensamentos é tão transitório como a criança e o amor. São transitórios. Tudo é transitório.

No entanto, por outro lado, tudo é eterno. Mais do que isso: torna-se eterno por si. Não precisamos fazer nada para que isso aconteça. Quando realizamos qualquer coisa, a eternidade encarrregar-se-á disso. Mas teremos que assumir a responsabilidade por aquilo que escolhemos fazer, por aquilo que selecionamos para fazer parte do nosso passado, por aquilo que elegemos para entrar na eternidade.

Mas, o que acontece quando finda o fluir da areia? O que ocorre quando o tempo cumpre o seu ciclo? A morte. “Podes me indicar alguém que dê valor ao seu



tempo, valoriza o seu dia, entenda que se morre diariamente?”, questionava Sêneca⁴. Na vida cotidiana, a pessoa tende a não perceber o sentido da morte. Frankl (2021a), figurativamente, revela que quando o despertador toca pela manhã e faz com que a pessoa saia dos sonhos, esta sente esse acordar como qualquer coisa terrível, muitas vezes não se dá conta que o despertador a convoca para a existência real, para a existência no mundo real. “Mas, será que nós, mortais, não agimos da mesma maneira quando nos aproximamos da morte? Será que nos esquecemos igualmente que a morte nos desperta para a realidade autêntica dos nossos seres?” (p.118). Eis que, uma análise da existência que almeja levar o consultante a despertar a consciência do seu ser-responsável – então terá que representar-lhe por meio de metáforas, o caráter temporal e finito da vida e, a par disso, a responsabilidade que nela se tem (Frankl, 2019).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, a morte aparece como um acontecimento catastrófico. Todavia, é precioso despertar a consciência do bem supremo, da nobreza e da grandeza que o seu sentido encerra. Do presente estudo, concluiu-se que se por um lado falar sobre a morte assusta, por outro, contribui para que possamos compreender que despertar a consciência da transitoriedade e da morte é de grande valor à vida. Ora pois, a morte constitui a responsabilidade da pessoa diante dos chamados da vida.

Decerto que, um trabalho pautado na Análise Existencial busca levar o consultante a tomar consciência do seu ser-responsável, representando-lhe, por meio de metáforas, como fazia Frankl, o caráter histórico, transitório e finito da vida e, a par disso, a responsabilidade que o consultante nela tem face a morte. Ao despertar a consciência da morte, a Logoterapia não se faz pessimista, mas, ante tudo, ativista, implicando a pessoa na “criação” da própria vida, *quicá*, uma vida que se “viveu” plena e responsavelmente.

Estamos agora em posição de compreender o imperativo da Logoterapia, anteriormente mencionado, que saibamos viver *como se estivéssemos vivendo* pela

⁴Artigo “Da economia do tempo”, por Lúcio Anneo Sêneca, na obra *Aprendendo a viver*. RS: Porto Alegre, L&PM, 2009.

⁵Clarissa Pinkola Estés. *A Ciranda das mulheres sábias: Ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

segunda vez, *como se estivéssemos prestes a agir tão erroneamente, quanto o fizemos antigamente, pois assim responsabilmente decidiremos sobre o que deve e não deve ser eternizado, em cada momento das nossas vidas. E, quando toda a areia correr e a parte de cima estiver vazia, possamos dizer “com que intensidade escolhermos viver; não por quantas << ninharias de grande importância >> nos deixamos dominar”*.

4 REFERÊNCIAS

FRANKL, Viktor Emil. **Asumir lo efímero de la existência**. Espanha: Barcelona, Herder, 2022.

FRANKL, Viktor Emil. **A Psicoterapia e o sentido da vida**: Fundamentos da logoterapia e análise existencial. 7ª. ed., São Paulo: Quadrante, 2019.

FRANKL, Viktor Emil. **A Psicoterapia na prática**. Uma introdução casuística para médicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019b.

FRANKL, Viktor Emil. **A vontade de sentido**. Fundamentos e aplicações da Logoterapia. 2011.

FRANKL, Viktor Emil. **A voz que grita por um sentido**. 1ª edição. Portugal: Lua de Papel, 2021a.

FRANKL, Viktor Emil. **Chegará o dia em que serás livre**. Cartas, textos e discursos inéditos. São Paulo: Quadrante Editora, 2021b.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 53. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2021c.

FRANKL, Viktor Emil. **O Que não está escrito nos meus livros**. São Paulo: É Realizações, 2010.

FRANKL, Viktor Emil. **Psicoterapia e Existencialismo**. Textos selecionados em logoterapia. 1ª. ed. São Paulo: É Realizações, 2020.

FRANKL, Viktor Emil. **Um sentido para a vida:** Psicoterapia e Humanismo. 11. ed.
Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2021d.